



Qual evangelho? Qual Jesus?

Título Original (Em Inglês)
“*Which Gospel? Which Jesus?*”.

Traduzido por Fernando Coutinho Sánchez
(ferjosousan@gmail.com)
Osorno, Chile, março de 2024.

Toda as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão em caracteres itálicos.

Todas os insertos explicativos do autor dentro de um versículo da Escritura são incluídos em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras palavras não-portuguesas estão entre aspas, em “*ITALICAS*” e/ou transliteradas para o português.

© 2024 Focus on the Kingdom. Todos os direitos reservados.

© 1999, *A Journal from the Radical Reformation*, Winter 1999, Vol. 8, No. 2.



A palavra “evangelho” bombardeia o público americano, e em todos os lugares, que frequenta a igreja de todas as esferas da vida. No entanto, parece haver muito pouca discussão sobre o que a Bíblia entende por evangelho. Não há questão mais importante e urgente que exija a nossa atenção do que esta: descobrir o que Jesus e os apóstolos ensinaram *como Evangelho*. Crer no Evangelho está em toda a parte no Novo Testamento (NT) ligado à própria salvação.

Há forças cósmicas em ação que tentam nos impedir de entender a mensagem vital da salvação. Em *Lucas 8:12*, Jesus descreve brilhantemente o que acontece quando alguns ouvem o Evangelho bíblico. O relatório de inteligência do Messias levanta a tampa sobre a atividade anti evangelho de Satanás: “*depois vem o diabo, e tira-lhes do coração a palavra [o Evangelho do Reino, Mateus 13:19] para que não se salvem, crendo [no evangelho]*”.

Aprendemos que a salvação vem crendo e obedecendo à mensagem do evangelho. A ligação entre o evangelho do Reino (*Mateus 13:19*) e a salvação é óbvia. Satanás pretende obstruir a crença nesse Evangelho. Uma estratégia que ele tem à sua disposição é tirar o Evangelho do coração do potencial crente. Outra maneira inteligente de alcançar seu objetivo é *distorcendo* a mensagem.

Paulo advertiu seus convertidos de Corinto que é muito fácil crer em um pseudo Jesus, um falso espírito e um falso evangelho: “*Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se*

recebeis **outro espírito** que não recebestes, ou **outro evangelho** que não abraçastes, com razão o sofreríeis” (2 Coríntios 11:4).

“Outro Jesus. Outro espírito. Um tipo diferente de evangelho”. Aqui Paulo “apita” sobre métodos satânicos. Desmascare as táticas sutis do Diabo. O plano sedutor de Satanás é “pregar Jesus, Espírito e Evangelho”, usando esses termos do NT como camuflagem para sua própria mensagem distorcida. O evangelho de Satanás parecerá bastante bíblico. O nome “Jesus” aparecerá em destaque na mensagem. No entanto, de uma forma subtil, este **pseudo evangelho** desviará os seus destinatários bem-intencionados da verdadeira mensagem do verdadeiro Jesus.

De acordo com outra tradução de 2 Coríntios 11:4, Satanás oferece “outra maneira de ser salvo”. Observe que o negócio de Satanás é a “salvação”. Mas é “salvação” nos seus termos. A razão pela qual os coríntios, ainda inexperientes, estavam, como Paulo disse, “maravilhosamente tolerando o pseudo evangelho” era que eles não conseguiam ver a diferença entre as versões verdadeira e falsa do evangelho.

Nesses versículos imensamente instrutivos, Paulo expôs as técnicas enganosas de Satanás. Ele continuou dizendo que Satanás “se disfarça” como um anjo de luz.

(Dando a entender que ele é na verdade um anjo das trevas), e que ele trabalha através de seus ministros, que também parecem ser ministros da luz, para enganar os incautos: “*E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça...*” (2 Coríntios 11:14, 15).

Nada alarmou ou irritou mais Paulo do que a pregação de um Evangelho distorcido – e com razão. Porque uma mensagem de salvação que não é fiel aos ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos embala inevitavelmente os seus destinatários numa falsa sensação de segurança. Eles pensarão que “receberam Jesus”, *mas o Jesus que lhes será apresentado será uma deturpação arditamente inventada do Jesus real, o único que pode salvar*. Quando Paulo encontrou Satanás agindo entre os jovens crentes a quem tinha alcançado com a verdadeira mensagem, apressou-se a resgatá-los:

“Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu [sugestivo do “anjo da luz” de 2 Coríntios 11:14], vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gálatas 1:6-8).

Cuidado com um Evangelho Distorcido

A razão para as palavras fortes de Paulo é clara. A aceitação de “outro evangelho” e “outro Jesus” (o pseudo Jesus, é claro, seria oferecido como Salvador e Senhor) não poderia levar à salvação desejada. Mas as vítimas de tal pregação estariam convencidas de que tinham acreditado na mensagem de Deus. Pensariam que estavam a ser salvos, quando, na verdade, a mensagem genuína de salvação lhes tinha sido ocultada. Teriam sido vítimas da política satânica de oposição por imitação.

Um observador astuto da história da religião observou que só porque “uma religião *funciona* não significa que ela esteja certa. É da natureza de todas as religiões trabalhar para aqueles que estão convencidos de que representam o veículo determinado de comunicação entre o visível e o invisível”. [1] Uma fé que parece funcionar e um Jesus que parece produzir resultados não correspondem necessariamente

[1] Hugh J. Schonfield, “*Those Incredible Christians*” (Aqueles Incríveis Cristãos), Bernard Geis Associates, 1968, 217, 218.

ao Jesus proclamado por Paulo e seus companheiros apóstolos. É essencial entender a sutileza da estratégia de engano de Satanás e perceber que ele se refugia na terminologia bíblica e religiosa.

Sugerimos que, devido a uma mudança sutil no significado das palavras, o Evangelho bíblico foi privado, em muitos quadrantes, de seu ingrediente principal e fundamental: o *Reino de Deus*. Isto aconteceu de duas formas. Primeiro, o conteúdo do evangelho popular foi derivado quase exclusivamente de versículos isolados das epístolas de Paulo [geralmente romanas, compare-se, “*The Roman Road*” (A Estrada Romana)] e do Evangelho de João. Nesses escritos, porque o escritor e o público *já entendiam* o significado de “Evangelho”, a terminologia evangélica precisa aparece com menos frequência, ou aparece sob termos diferentes, e, portanto, há mais espaço para interpretá-la erroneamente. Paulo não estava escrevendo (em Romanos) para pessoas que nunca tinham ouvido o Evangelho. Eu não estava escrevendo para converter não-cristãos. Paulo poderia supor que seu público sabia o que era o evangelho. Isso permitiu que ele se concentrasse em certos elementos do evangelho e tratasse outras partes com menos detalhes e clareza.

A perda de uma percepção clara da mensagem evangélica deve-se ao facto de as palavras originais de Jesus que descrevem e definem o Evangelho, registadas por Mateus, Marcos e Lucas, terem sido ignoradas ou rejeitadas. Jesus foi apresentado ao público como alguém que morreu e ressuscitou, mas não *como o pregador original* e definitivo e mestre do Evangelho salvífico – o Evangelho sobre o Reino de Deus.

Quase todo o “discurso evangélico” se concentrou na *pessoa* de Jesus, com *exclusão da mensagem salvífica que ele ensinou*. As igrejas falam sobre o mensageiro Jesus, mas geralmente não nos dizem nada sobre a mensagem do evangelho que ele proclamou. Esta prática é devastadora. A abundância de conversas sobre “Jesus” dá a impressão de que o Jesus do NT está sendo introduzido. O que muitos não percebem é que a mensagem salvífica de Jesus sobre o *Reino* é silenciosamente omitida!

Mateus, Marcos e Lucas registam unanimemente que Jesus e os discípulos sempre proclamaram o Evangelho do Reino (*Mateus 4:23; 9:35; Lucas 4:43; Marcos 1:14, 15; Lucas 16:16*). Marcos chama este Evangelho de “Evangelho de Deus” (*Marcos 1:14*). É uma mensagem enviada pelo próprio Deus através de Seu porta-voz Jesus, o Messias prometido. Tendo estabelecido esta definição criticamente importante do Evangelho – o *Evangelho do Reino* – Mateus, Marcos e Lucas referem-se a ele por uma espécie de “taquigrafia” como “a Palavra” ou “a Mensagem”. Lucas faz esta equação crucial em seu primeiro volume: “*Ele, porém, lhes disse: ‘Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus; porque para isso fui enviado’. E pregava nas sinagogas da Galileia... E ACONTECEU que, apertando-o a multidão, para ouvir a palavra de Deus, estava ele junto ao lago de Genesaré*” – *Lucas 4:43, 44; 5:1*.

Mateus e Marcos também usam os termos “Palavra do Reino” e “a Palavra”, respetivamente, ao gravar a parábola do semeador. Esta parábola, é claro, é o protótipo de todo o bom evangelismo, embora os evangelistas contemporâneos raramente se refiram a ela. O Evangelho do Reino, nas três versões da mesma parábola, aparece da seguinte forma: “*Ouvindo alguém a palavra do reino...*” (*Mateus 13:19*). “*os quais, ouvindo a palavra...*” (*Marcos 4:16*). “*A semente é a palavra de Deus...*” (*Lucas 8:11*).

O Evangelho Plenamente Definido

A “palavra” em questão está totalmente definida em *Lucas 4:43* e *Mateus 4:23; 9:35* como o *Evangelho do Reino de Deus*. (Note que a expressão na KJV “*pregar o Reino*” significa no original “*pregar o Evangelho do Reino*”, como os comentaristas e as traduções modernas deixam claro).

Após a ressurreição de Jesus, os Apóstolos, em obediência a Jesus, saíram para proclamar *exatamente a mesma mensagem do Reino*. Eles acrescentaram à mensagem, sob a orientação do espírito de Cristo, os novos fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus, dos quais Jesus havia dito muito pouco (e quando o fez não foi compreendido – *Lucas 18:31-34*) quando pregou o Evangelho. Portanto, em *Atos 8:12* temos uma

fórmula perfeita que cobre todo o terreno da mensagem do evangelho. Há dois componentes no Evangelho – o Reino de Deus e “o nome de Jesus”: “*Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres...*” (Atos 8:12).

É essa definição abrangente do evangelho que deve ser constantemente inculcada na mente daqueles que saem para pregar. Os fatos, no entanto, são que este texto modelo de Atos (repetido em *Atos 19:8; 20:24, 25; 28:23, 31*) é raramente, ou nunca, citado. O que é frequentemente citado é outro versículo de Atos: “*Filipe... lhes pregava a Cristo*” (Atos 8:5).

Este é outro dos resumos “taquigráficos” do Evangelho de Lucas. Pretende-se recordar-nos a própria pregação de Jesus sobre o Reino de Deus e a pregação dos Apóstolos sobre o Reino e o nome de Jesus (*Atos 8:12*). No entanto, a expressão “pregar a Cristo” por si só não é clara. Explicado em *Atos 8:12* – “o evangelho sobre o Reino e o nome de Jesus” – é facilmente compreendido. Ao esquecer *Atos 8:12*, os evangelistas quase sempre omitem o tema principal da própria pregação de Jesus – o Reino de Deus! Assim, remove um dos dois componentes principais da mensagem.

Um exemplo esclarecerá a questão. Em *Atos 15:21*, Tiago afirmou que “*Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue, e cada sábado é lido nas sinagogas*”. Não temos dificuldade em ver que “pregar Moisés” significa que a lei de Moisés e seus ensinamentos estavam sendo proclamados. Do mesmo modo, “pregar Cristo” implica não só contar os factos sobre a pessoa de Jesus, mas também dar um relato preciso da sua mensagem – aquilo que Ele ensinou.

Agora, seria muito estranho dizer que “Moisés é a lei”, a menos que expliquemos que estamos usando a linguagem de uma maneira especial. No entanto, este tipo de linguagem de “Jesus é o Evangelho” ou “Jesus é o Reino” foi introduzido, e com consequências desastrosas. Pode parecer bom dizer que “Jesus é o Evangelho”, mas a realidade objetiva do Reino como futuro reinado de Cristo na terra se perdeu na mensagem evangélica. A versão de Jesus do Evangelho é, assim, eclipsada.

Costuma-se dizer que Paulo não pregou o Reino de Deus, embora Jesus o tenha feito. Imagine o caos em que o cristianismo seria jogado se ambas as afirmações fossem verdadeiras. Se Paulo não transmitisse o mesmo Evangelho do Reino que Jesus havia pregado, ele estaria violando a Grande Comissão, que é obviamente vinculativa para todos os que pregam. As últimas palavras de Jesus foram estas: “*Ide fazer discípulos, batizai-os e ensinaí-lhes tudo o que vos ensinei*”. Não podia ser mais claro. O cristianismo apostólico é exatamente o mesmo que a pregação do Jesus histórico. Se Jesus pregou o Reino como fundamento do Evangelho (e ninguém poderia contestar este fato), então os Apóstolos também ensinaram esse mesmo Evangelho do Reino, com a adição de novos fatos sobre a morte e ressurreição de Jesus. Deve-se sugerir que Paulo não se concentrou no Evangelho do Reino, ou seja, ele estava em desobediência direta à Grande Comissão. Paulo pretendia que Cristo vivesse nele, e o Cristo que viveu *n'Ele* foi o Jesus histórico ressuscitado, que continuou a pregar o mesmo Evangelho do Reino em toda a parte. Paulo diz-o muito explicitamente: “*por quem passei pregando o reino de Deus*” (*Atos 20:25*). Não faz diferença entre o evangelho da graça e o evangelho do reino. – *Atos 20:24, 25*. Portanto, seria completamente falso afirmar que o Evangelho de Jesus não continuou em Atos. Lucas pretendia que nunca esquecêssemos isso. *Atos 28:23, 31* descreve o ministério evangelístico de Paulo como a pregação do Reino de Deus tanto aos judeus quanto aos gentios. Não há pregação de Cristo sem a pregação da Mensagem de Cristo, o Reino de Deus.

A Confusão da Mensagem

Foi Orígenes, um “pai da igreja” filosoficamente consciente do século III, que começou a dizer que “as coisas boas que os apóstolos anunciam no Evangelho são simplesmente Jesus. *O próprio Jesus prega boas novas de coisas boas que não são senão Ele mesmo*”. [2] Com este tipo de linguagem poética e alegórica,

[2] “*Commentaries on Matthew and John*” (Comentários sobre Mateus e João), sublinhado nosso.

o Reino tornou-se “coisas boas” e a mensagem sobre o Reino de Deus foi absorvida pelo termo “Jesus”. O Reino desapareceu por trás da palavra “Jesus”. Esta tendência mantém-se até aos dias de hoje.

Orígenes fez moda falar do “Evangelho” e nada dizer sobre o Reino Messiânico do futuro, que era o coração da mensagem salvífica de Jesus. O uso que Jesus fez do termo “Reino” no seu sentido hebraico do Antigo Testamento (AT) como uma realidade "concreta" do futuro foi desperdiçado, dissolvido no ar. O feitiço assim lançado sobre as igrejas resultou no que um escritor contemporâneo chamou de “a confusão desesperada dos evangélicos sobre a escatologia”. [3] Outro teólogo alertou para a catástrofe que ocorreu quando a incompreensão grega do Reino Messiânico fez com que ele fosse removido da mensagem evangélica. A perda não foi uma transformação legítima da mensagem, como alguns querem fazer crer; foi uma supressão do apostólico *Evangelho do Reino*: “Quando a mente grega e a mente romana, em vez da mente hebraica, passaram a dominar a igreja, ocorreu um desastre do qual a igreja nunca se recuperou, nem na doutrina nem na prática”. [4]

Proposições sobre Jesus ser o Reino ou o Evangelho parecem plausíveis ou “espirituais”, mas são enganosas. Jesus não veio à Galileia dizendo: “Arrependei-vos e crede no evangelho a meu respeito”. Ele nos ordenou que crêssemos em primeiro lugar no Evangelho do Reino, o Evangelho de Deus (*Marcos 1:14, 15*). Jesus não disse que o semeador saiu para semear a si mesmo! Ele saiu para semear “a Mensagem do Reino” (*Mateus 13:19*). Jesus também falou em desistir de tudo por si mesmo e pelo evangelho (*Marcos 8:35; 10:29*). Orígenes – e o mundo evangélico muitas vezes o seguiu – confundiu a mensagem bíblica ao praticamente equiparar Jesus com a Mensagem do Evangelho, o Mensageiro com a Mensagem. O resultado foi a perda da Mensagem do Reino, da qual Jesus será o governante como Messias, e para a qual Jesus convida seus seguidores como co-governantes (*Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:4-6*).

Nosso ponto é bem expresso por um comentarista que questiona a ideia tradicional de que Jesus se proclamou a si mesmo em vez do Reino de Deus:

Tentar ler os Evangelhos sem restrições da sabedoria convencional ou do dogma do passado leva a algumas conclusões surpreendentes. Em nenhum lugar isso é mais óbvio do que quando fazemos a pergunta central: Qual foi a mensagem de Jesus? As várias igrejas ainda operam no axioma de que Sua mensagem se referia a Si mesmo. Aqui, dizem, está Deus encarnado, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, caminhando pela Terra Santa com um grupo de antigos pescadores, proclamando-se o único caminho de salvação. Ele é o conteúdo da mensagem; ou melhor, ele é a própria mensagem...

No entanto, como percebi, quando pude ler o NT com alguma seriedade..., não é de todo isso que dizem os Evangelhos. Se começardes com o *Evangelho de São Marcos*..., descobrireis que Jesus veio pregando a “boa nova de Deus” e dizendo: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos [mudai de ideias] e crede no evangelho” (*1:14, 15*) ... Se tomarmos o testemunho combinado de Marcos, Mateus e Lucas, é óbvio que Jesus veio proclamar o que é traduzido como o Reino de Deus ou Céu – os dois são sinônimos. [5]

Terminologia Enganosa

[3] Bernard Ramm, “*Protestant Biblical Interpretation*” (Interpretação Bíblica Protestante), Grand Rapids: Baker Book House, 1970, p. 244.

[4] H. L. Goudge, “*The Calling of the Jews*” (O Chamado dos Judeus), in “*Collected Essays on Judaism and Christianity*” (Compilação de Ensaaios sobre Judaísmo e Cristianismo), Shears & Sons, 1939.

[5] Tom Harpur, “*For Christ's Sake*” (Pelo Amor de Cristo), McClelland e Stewart, 1994, p. 21.

“Pregar Cristo”, “anunciar Jesus”, “receber o Senhor” e “dar o coração ao Senhor” podem ter um tom religioso. Mas também podem ser uma “fachada” para uma mensagem que não diz nada sobre o evangelho de Jesus sobre o Reino de Deus. Lembrem-se de que, ao longo do livro de Atos, onde foram dadas as informações indispensáveis sobre a apresentação apostólica do Evangelho, *o Reino de Deus permaneceu no topo da agenda* (Atos 8:12; 28:23, 31). Isto é verdade para a pregação desde o início de Atos até o fim. É também verdade para a mensagem que foi dada tanto aos judeus como aos gentios:

“E, havendo-lhe eles assinalado um dia [aos judeus], muitos foram ter com ele [Paulo] à pousada, e procurava persuadi-los à fé em Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde a manhã até à tarde. E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara, e recebia todos quantos vinham vê-lo [Judeus e gentios]; Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum”. (Atos 28:23, 30, 31).

Uma Palavra dos Estudiosos

Um professor do NT de Harvard submeteu os escritos de Lucas em Atos a uma análise minuciosa. Ele relata que o que Lucas diz sobre o futuro Reino é “natural e espontâneo” e, portanto, muito revelador como guia para o evangelho apostólico. O professor Cadbury destaca que Atos inclui “muitos dos elementos familiares” na pregação do NT. “*Os pregadores pregam o Reino de Deus ou suas coisas*”. (Atos 1:3; 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31); estes textos devem ser cuidadosamente examinados. O termo “Reino de Deus” aparece quase do primeiro ao último versículo do livro. “*Reino de Deus*” “constitui uma fórmula aparentemente paralela ao verbo mais característico do escritor, ‘evangelizar’”. “*Nada obviamente distingue o termo Reino de Deus em Atos de seu uso apocalíptico nos evangelhos sinóticos. Por exemplo, entra-se nela [no futuro] através de muita tribulação* (Atos 14:22)”. [6] Encontramos este estudioso em plena concordância que o Reino de Deus está em toda a parte em Atos, o coração e o centro do Evangelho. E por Reino de Deus, os Apóstolos não querem dizer um reinado presente de Cristo “no coração”, mas o Reino de Deus mundial, que será inaugurado pela Segunda Vinda de Jesus no fim dos tempos e inaugurará uma nova sociedade na terra – “*o mundo futuro, de que falamos*” (Hebreus 2:5). Este ponto é essencial para quem pretende converter-se através da mensagem do evangelho. O Reino de Deus, como Reino do futuro, está no centro da mensagem. Foi quando os potenciais convertidos expressaram um entendimento e crença no Reino de Deus e nas coisas relacionadas ao nome de Jesus que eles estavam prontos para se submeter ao batismo (Atos 8:12). É bastante claro que qualquer pregação que não tenha o Reino de Deus como componente principal de seu conteúdo tem pouca relação com o Evangelho do NT.

Sem Reino, Sem Evangelho

Quando Lucas no livro de Atos se refere a “pregar Jesus” ou “evangelizar”, ambas as frases precisam ser amplificadas e iluminadas com uma descrição mais completa do que os apóstolos estavam dizendo. Eles estavam proclamando o “*reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo*”. (Atos 8:12; 28:23, 31). A perda dos fatos sobre o Reino de Deus equivaleria à perda de uma parte importante do próprio evangelho. Um evangelho sem o Reino de Deus até pareceria “outro evangelho”. Mesmo que o nome “Jesus” ainda fosse ouvido, a sua mensagem sobre o Reino teria desaparecido. Um evangelho privado de informações essenciais não terá a poderosa energia transformadora necessária para formar cristãos saudáveis e bem-educados.

[6] H. J. Cadbury, “Acts and Eschatology” (Atos e Escatologia.), em “The Background of the New Testament and its Eschatology” (Os Antecedentes do Novo Testamento e sua Escatologia), ed. Davies e Daube, Cambridge University Press, 1956, 311.

Quando Paulo pregou em Éfeso, ele “discutiu e persuadiu sobre o reino de Deus” por três meses (*Atos 19:8*). Mais tarde, ele descreveu todo o seu ministério em Éfeso como um “*a conversão a Deus, e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo*” (*Atos 20:21*). Qual é, então, a definição de Paulo (não a nossa!) de “*fé no Senhor Jesus*”? Paulo imediatamente nos dá mais duas descrições esclarecedoras do evangelho. Ele equipara a “*fé em Jesus*” com “*o evangelho da graça de Deus*” (*versículo 24*) ou “*nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus*” (*versículo 27*). Mas nenhuma dessas frases deve ser separada do *versículo 25*. Lá, Paulo resume seu ministério como a “*pregação do Reino*”. Poderiam os evangelistas contemporâneos descrever os seus próprios ministérios desta forma quando falam do “céu”? Onde um pregador do NT ofereceu ao seu público que eles “iriam para o céu”?

A pregação de Paulo em Derbe, Listra, Icônio e Antioquia seguiu o mesmo padrão. Depois de pregar o evangelho, exortou os convertidos a suportarem pacientemente a provação antes de entrarem no “*Reino de Deus*” (*Atos 14:22*), isto é, na Segunda Vinda. Nosso último olhar sobre Paulo é em Roma, onde mais uma vez o encontramos “*aos quais declarava com bom testemunho o reino de Deus, e procurava persuadi-los à fé em Jesus*” do amanhecer ao anoitecer (*Atos 28:23*). Lucas termina onde começou em Atos com Jesus discutindo os assuntos do Reino de Deus por seis semanas com os discípulos (*Atos 1:3*). De facto, Lucas conclui seu segundo volume onde iniciou o primeiro, o Evangelho de Lucas: Jesus está destinado a receber o Reino de seu Pai, Davi (*Lucas 1:32, 33*) e governar nele para sempre. A última palavra de Lucas é que Paulo estava “*Pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo*” (*Atos 28:31*).

A mensagem é clara, sem margem para dúvidas. É a Boa Nova sobre o Reino e sobre Jesus Cristo que deve ser anunciada (*Atos 8:12*). Trata-se de temas distintos, mas estreitamente relacionados. O grande erro é fundi-los para que o Reino se perca!

Quando Paulo escreveu aos seus convertidos, na maioria das vezes ele estava simplesmente se referindo ao “Evangelho”, sem mais definição. Tanto o escritor como o leitor sabiam o que se queria dizer. Devemos ter o cuidado de voltar a Mateus, Marcos, Lucas e Atos para descobrir exatamente o que é esse Evangelho. É interessante notar que Paulo evita a frase completa “Evangelho do Reino” em suas epístolas. Falar do “Reino” em oposição a César poderia muito bem criar problemas desnecessários no Império Romano. Em Tessalônica, Paulo foi assediado por ousar dizer que “há outro Rei, Jesus” (*Atos 17:5-7*). Quando Paulo escreveu da prisão, ele usou termos para descrever o Reino que eram menos provocativos – “glória”, “idade futura”, “luz”, “vida”, “herança”. Mas ainda menciona o Reino em contextos em que acaba de mencionar o Evangelho: “*vos pregamos o evangelho de Deus... [Deus] vos chama para o seu Reino e glória*”. (*1 Tessalonicenses 2:9, 12*). Compare, *Marcos 1:14, 15*, Evangelho de Deus = Evangelho do Reino) “*.... para que sejais havidos por dignos do reino de Deus... não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo*”. (*2 Tessalonicenses 1:5, 8*). “*porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo... Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder*”. (*1 Coríntios 4:15, 20*). “*da verdade do evangelho... nos transportou para o reino do Filho do seu amor*”. (*Colossenses 1:5, 6, 13*). Note que ainda não “herdamos o Reino” (*Colossenses 3:24; 1 Coríntios 15:50*).

Um Dicionário Bíblico Documenta a Perda Do Reino da Mensagem

Apesar da evidência muito clara de que os cristãos do NT sempre proclamaram o Reino de Deus, antes e depois da ressurreição de Jesus, o “*Unger's Bible Dictionary*” (Dicionário Bíblico de Unger) tenta dividir o Evangelho em duas mensagens diferentes. Fala de “formas do Evangelho a diferenciar”. [7] Contrariamente ao claro ensinamento das Escrituras, este artigo argumenta que o Evangelho do Reino deixou de ser pregado quando os judeus rejeitaram o Messias e que uma forma diferente do Evangelho – o

⁷ “*Unger's Bible Dictionary*” (Dicionário Bíblico de Unger), Chicago: Moody Press, 1969, 420.

Evangelho da graça – entrou então em vigor. Dizem-nos que o anúncio do Evangelho do Reino será retomado durante a tribulação, pouco antes da volta de Jesus.

No entanto, trata-se de criar uma distinção que não está no NT. Definitivamente, o Evangelho do Reino *não deixou de ser pregado* quando Jesus foi rejeitado. O Reino de Deus permaneceu o tema central do ensino apostólico *após a ressurreição* (Atos 1:3; 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31). Além disso, o Evangelho da graça é exatamente o mesmo Evangelho que o Evangelho do Reino. Paulo recorda aos cristãos de Éfeso que tinha ido entre eles “*anunciar o Reino*” (Atos 20:25). Um versículo anterior define essa pregação como o “*evangelho da graça*” (Atos 20:24). É indiscutível que muitos tentam estabelecer uma distinção entre duas formas do Evangelho. A distinção, no entanto, baseia-se numa teoria “dispensacionalista” feita pelo homem, que nega que o Evangelho do Reino sempre foi e sempre será a mensagem cristã.

A Palavra Indispensável do Reino

Em todo o NT, a expressão “palavra” (mensagem) “taquigrafia” significa “*lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo*” (Atos 8:12). Às vezes, a mensagem é simplesmente “*a verdade*” (Colossenses 1:6). Todas essas descrições abreviadas do evangelho devem ser referidas ao anúncio do Reino por Jesus (Lucas 4:43; Mateus 4:23).

Se esses princípios simples forem mantidos em mente, os cristãos não correrão o risco de perder ou distorcer o evangelho, que é a maior tragédia que poderia acontecer a eles. (Gálatas 1:7, 8). Devem insistir que a própria mensagem de Jesus sobre o Reino está sempre no centro da evangelização. A melhor maneira de fazer isso é manter as “*sãs palavras*” (2 Timóteo 1:13). Isso não significa que a pregação deva ser rígida ou sem imaginação, controlada por uma mera fórmula. Significará, porém, que não seremos enganados a pensar que Cristo foi pregado *quando nada foi dito sobre a sua Boa Nova do Reino*, o próprio Evangelho de Jesus, o Evangelho da salvação.

A Boa Nova do Reino tem a ver com o propósito de Deus de trazer paz e harmonia internacional à nossa terra devastada pela guerra, enviando Jesus para governar o mundo em Sua Segunda Vinda. A terra será cheia do conhecimento de Deus e as nações transformarão suas terríveis armas de destruição em massa em implementos agrícolas (Isaias 2:1-4). Em preparação para esse grande dia, os crentes devem arrepender-se e crer na mensagem (Marcos 1:14, 15), ser batizados e receber o Espírito de Deus (Atos 2:38). Alguns dirão: “De que me serve esse conhecimento do futuro agora?” A resposta é que Deus está intensamente interessado no futuro do mundo e na grande mudança na política mundial que ocorrerá quando Jesus voltar com o seu Reino. Se o espírito de Deus e de Cristo está em nós, esse espírito transmitirá o mesmo interesse intenso pelo Reino que motivou todos os ministérios de Jesus e dos Apóstolos. Deus fala ao presente a partir do futuro. A esperança é uma energia poderosa. Mas esperança não é esperança se não lhe for dado conteúdo. Esse conteúdo é o Reino de Deus vindo à terra e nossa herança da nova terra/mundo (Mateus 5:5).

Concluimos refletindo sobre o estranho fenômeno de que um proeminente escritor de notas bíblicas cita Mateus 24:14 e duas vezes na mesma página (suas únicas referências) omite as palavras “do Reino” da predição de Mateus (e de Jesus) de que o Evangelho do Reino deve ser pregado em todo o mundo. Os leitores só podem ver que “este evangelho... será pregado”. [8] O Reino, que descreve o conteúdo do Evangelho, foi retirado do texto!

Outro escritor evangélico refere-se a “pregar a Cristo” e “pregar a palavra”, mas omite a explicação esclarecedora de Lucas sobre essas frases como o “*reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo*” (Atos 8:12). Recentemente, um destacado porta-voz do evangelicalismo proferiu uma palestra sobre o tema “O que é o Evangelho?” Ao longo de uma hora, ele conseguiu não mencionar a palavra “reino” nem uma vez! Ao

⁸ Selwyn Hughes, “Every Day with Jesus, Comments on Matthew 24:14” (Todos Os Dias com Jesus, Comentários a Mateus 24:14), s.p.

discutir *Atos 20:24* e seg., ele se referiu ao “*evangelho da graça de Deus*” (*versículo 24*) e corretamente o equiparou a “*e vos anunciar todo o conselho de Deus*” (*versículo 27*). Alguém pode explicar por que ele pulou o *versículo 25*, que nos diz que foi o Evangelho do Reino que Paulo chamou de Evangelho da Graça e todo o propósito de Deus? É evidente que ninguém compreenderá completamente o evangelho até que seja instruído no significado do termo Reino de Deus e convidado a crer na Boa Nova a respeito desse Reino. (*Marcos 1:14, 15*).

Para piorar a situação, num encontro internacional de evangelistas realizado em Lausanne em 1974, um porta-voz perguntou: “Quanto ouvistes aqui sobre o Reino de Deus? Pouco. *Não é a nossa língua*. Mas era a principal preocupação de Jesus”. [9] Da próxima vez que você ouvir um evangelista, palavra falada ou folheto, convocar o público a crer *no Reino de Deus e nas coisas relativas ao nome de Jesus (Atos 8:12)*, tome nota cuidadosa. Ouvireis a linguagem de Jesus e dos Apóstolos. Se as ofertas de salvação não contiverem nenhuma palavra sobre o Reino de Deus, desconfie e releia *2 Coríntios 11:4 e Lucas 8:12*.

[9] Tom Sine, “*The Mustard Seed Controversy*” (A controvérsia sobre a Semente de Mostarda), Waco, TX: Word Books, 1981, 102-103. Ênfases adicionado.